



NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE



ANO VII
Nº. 26

EDIÇÃO DA
SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Sociedade Amigos de Brusque

Fundada a 4 de agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual n.º 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal n.º 73 de 9 de março de 1954

CGC 83.721.639/0001-93

Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal 27

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM

Notícias de "Vicente Só"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim

Registrada sob n.º 02 no Livro de Registros de Pessoas

Jurídicas em Brusque, Santa Catarina

Publicada trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Direção: Ayres Gevaerd

Composta e impressa na Gráfica Bandeirante — Brusque — SC.

IMIGRAÇÃO ITALIANA II

VICTÓRIO LEDRA

Na edição anterior expusemos nossos propósitos acerca de uma série de artigos relativos à imigração italiana no Brasil.

Transcrevemos um trecho de uma carta do Bispo de Piacenza, norte da Itália, a um deputado italiano, versando a respeito das misérias a que estavam sujeitos os imigrantes, na ocasião em que se discutia a reforma da legislação italiana, para coibir abusos praticados pelos agentes de imigração e para minorar os terríveis males suportados pelos emigrantes.

Assinalamos que o Bispo Giovanni Batista Scalabrini preocupou-se grandemente com o problema, a ponto de fundar uma associação "Società Italiana de S. Raffaele di Patronato per gli Imigranti" (Sociedade Italiana de S. Rafael para Proteção dos Emigrantes). Fundou ainda, uma congregação religiosa de padres e leigos, que tinha como finalidade precípua prestar assistência religiosa e social aos emigrantes, quer nos portos de embarque, quer nas viagens, quer no local de destino.

Dentre os missionários scalabrinianos, dois tiveram importância extraordinária para o estudioso da história do drama da emigração italiana para o Brasil. Foram os padres Pietro Maldotti e Pietro Colbacchini. O primeiro desenvolveu sua atividade no porto de Gênova, na Itália, e fez duas viagens de inspeção ao Brasil, relatando a seu Bispo o que viu e sentiu. O segundo trabalhou junto aos imigrantes italianos de diversas localidades no Brasil, principalmente junto aos colonos de Santa Felicidade e imediações de Curitiba, escrevendo vários relatórios para seus superiores e para as autoridades italianas.

Conforme anunciamos no artigo anterior, passaremos a traduzir do texto italiano, inserto no livro "La Società Italiana de Fronte alle Prime Migrazzioni di Massa", publicado em 1968 pelo "Centro Studi Emigrazione — Roma", os relatórios feitos por Pietro Maldotti ao Bispo Giovanni Battista Scalabrini.

PRIMEIRA PARTE (Fls. 419 e seguintes)

Porto de Gênova — 1894-1898

No dia 2 de agosto de 1894, após a missão que tive a felicidade de fazer nas montanhas de Piacenza, sob a direção de V. Exa., vim para cá, com as duas liras que me dera o Vigário Geral da Congregação, Pe. Rolleri, com a preciosa benção de V. Exa. e com a tarefa genérica de ajudar os pobres emigrantes. Eu nunca tinha visto Gênova e ignorava seu dialeto e seus

costumes. Vinha endereçado a um padre, o qual me abrigou por uma noite apenas, porque logo se apercebeu, ao que me parece, que eu não tinha dinheiro para pagar-lhe a estada. Nenhum dos membros da Comissão Genovesa para a Proteção dos Imigrantes se encontrava em Gênova. Estavam todos no interior. Entregue à Providência Divina, vaguei o dia todo pela cidade, para cima e para baixo, e pude descobrir onde se alojava o nosso Pe. Zaboglio, convalescente; mas, naqueles dias estava ausente. Apresentei-me à dona da casa, a qual me deu hospedagem por vinte dias. . .

Qual minha missão, precisamente?

Nem eu o sabia. Enquanto isto freqüentava assiduamente a igreja de Santa Sabina, fazendo um pouco de tudo.

Um dia, porém, resolvi realmente procurar emigrantes. Parei precisamente nos pátios da estação ferroviária da Praça Príncipe, invadida por mais de dois mil daqueles pobrezinhos. O espetáculo era comovente e, por muitas vezes, horripilante.

Uma turba de gente suspeita, feitores de albergues, subagentes de emigração, verdadeiros ou improvisados, agitava-se no meio daquele exército de miséria, arrastando atrás de si as famílias daqueles infelizes. Eu não entendia nada, mas posso afirmar que o espetáculo não me divertia muito. . .

Um jovem de Cremona, precisamente de Isola Dovarese, trazendo no chapéu uma fita amarela de nossos Comitês de São Rafael, corre ao meu encontro e com os braços estendidos me pede ajuda; haviam-lhe roubado a mulher, as crianças e um determinado saco. . . Não perguntei mais nada: atirei-me com ele, erguendo os braços loucamente naquela confusão babélica, soando aos meus ouvidos gritos inarticulados, prantos, e blasfêmias em quase todos os dialetos da Itália. Conseguimos, com imensa fadiga, descobrir os infelizes, conduzidos por um malandro, com o tal saco nos ombros, quem sabe para onde. Empenhamo-nos ali mesmo, sem muitos preâmbulos, numa luta desesperada, onde me arranjei uma boa dose de socos. Confesso que também os distribuí, no desespero. Em boa hora um senhor vestido de preto veio em nosso socorro; agarrou aquele malandro pelo pescoço e o entregou a dois policiais: "sic me iuvavit Apollo".

Com aqueles pobrezinhos dirigi-me ao Oratório do Comitê e outras nove famílias me seguiram. Chegados a salvo, todos nos pusemos a chorar: eles de desespero, e eu de raiva.

E eis de novo o senhor vestido de preto:

— Quem é o senhor?

— Primeiro, sou um cidadão livre; depois, por graça de Deus, Missionário, enviado para cá para fazer por estes coitados o que a polícia não pode, ou não quer fazer.

Por resposta, o egrégio senhor me pôs a mão no ombro; depois acrescentou:

— No senhor acreditarão. A mim, Delegado de P. S., o Palácio Ducal jamais prestou ajuda e nem mesmo dá crédito.

— Pois bem, combateremos juntos.

E combatemos de verdade.

A primeira batalha teve êxito bastante satisfatório. Entendi ser aproximadamente esta minha "precisa" missão. Meti a cara e Deus me ajudou. Não passava dia sem que eu conseguisse salvar até centenas de famílias para as quais conseguia alojamentos a preços menos desonestos e auxílios junto às Agências.

Parecia-me muito estranho o fato de toda aquela gente, em massa e continuamente, chegar a Gênova cinco, seis, dez dias antes da partida... Quem a mandava? E por que se chamava e se mandava com tanta antecedência?

Outra coisa estranha era certo bilhete que cada um trazia no chapéu, com a indicação do albergue e o timbre de uma sub-agência, ou Agência de Província.

Era ainda estranho que certos indivíduos, de todos os dialetos da Itália, se dedicassem a conduzir, até com uso de violência, todo aquele rebanho infeliz de ovelhas, encaminhando-o para certas hospedarias. Diziam-se Agentes de Emigração. Depois, por alguns dias, andavam passeando pela cidade, em carros puxados por cavalos, em companhia de mulheres suspeitas, ou de amigões ainda mais suspeitos. Resolvi estudar o problema.

Eis do que se tratava:

A CAÇA AO EMIGRANTE

(Continua no próximo número)

Biografia de Guilherme Renaux

— UMA COLABORAÇÃO AO BEM COMUM —

Preservar a memória dos nossos cidadãos não significa a vã apologia ou o mero respeito por coisas do passado. Seu significado está, acima de tudo, na melhora das condições de vida do futuro, pela avaliação do exemplo deixado. A permanência entre nós de traços de um passado em comum, confere-nos por sua vez, o reconfortante sentimento de conquistas mútuas e permanentes, reforçando as condições para um viver e um empenho sempre solidário.

A vida pública de um cidadão não é apanágio da família. Esta tem o direito de preservar para si a lembrança afetiva do convívio íntimo guardado no coração dos mais próximos. Já os atos que deixaram alguma marca sobre a esfera pública precisam ser divulgados como amostra da colaboração indispensável da qual é feita o bem comum.

Guilherme Renaux como cidadão, deixou marcos em nossa terra que tiveram significado coletivo. Desaparecido recentemente, a 13 de março de 1981, aos 85 anos de idade, como trabalhador brusquense cumpriu sua missão na função de empresário da indústria têxtil, cujo desempenho para todos, ainda está bastante vivo. Servirão os dados apenas para o registro preciso das etapas de sua carreira dentro da empresa a qual serviu.

No ano de 1927, Guilherme, filho do Cônsul Renaux, fundador da Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S/A, após período de estudos e prática no exterior, entra para a prestação de serviço na empresa de seu pai constituída, segundo os estatutos de 1918 "para a exploração da indústria têxtil, cultura do algodão e de outros produtos agrícolas e pecuários e sua industrialização". Na firma, dirige inicialmente a cultura da mandioca e as feculares, cuja produção na época representava importante artigo de exportação, sobretudo para os Estados Unidos. Em 1928 é eleito membro da Diretoria e em 1969, presidente do Conselho de Administração da Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S/A e do Conselho Administrativo das Indústrias Têxteis Renaux S/A. Além dessas funções, presidiu por vários anos o Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem de Brusque e Itajaí, criado em 1937 por iniciativa de seu irmão Otto Renaux e de Victor Konder, com o apoio dos demais industriais brusquenses.

A atuação pessoal de Guilherme Renaux como empresário foi marcada, segundo seus colaboradores, por seu senso diplomático na resolução de problemas e pelo relacionamento que sempre soube cultivar com os homens mais influentes do país. Basta dizer que foi por três vezes recebido pelo Presidente Vargas para a resolução de problemas relativos à indústria têxtil local.

No âmbito estadual sua carreira começou em 1937 como Presidente da Empresa Força e Luz de Santa Catarina S/A, onde permaneceu por 30 anos, até sua estatização. Esta empresa, nascida do empenho de Otto Renaux e Curt Hering em 1923, representava empreendimento indispensável ao crescimento da indústria no Estado, carente no fornecimento de energia. No período da ditadura Vargas, época em que o Governo iniciou sua interferência na iniciativa privada, fixando no caso, as taxas da energia elétrica, medida que limitou a expansão da força e conseqüentemente das indústrias, relata-se a atuação de Guilherme Renaux como corajosa na liderança da empresa. Fez empréstimos e assinou as dívidas em seu próprio nome, a fim de garantir o fornecimento de energia e dar continuidade à expansão e formação de novos empreendimentos.

No ano de 1950 inicia sua colaboração à indústria catarinense, projetando Brusque, como 1.º Vice-Presidente da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC), criada em 1950 e tendo como Presidente Celso Ramos. Em 1960 assume a Presidência quando Celso Ramos é eleito Governador do Estado, pelo PSD. Eleito Presidente em 1962, permanece no cargo até 1964. De sua permanência na direção da Federação das Indústrias catarinenses resultou como um dos principais legados a Brusque a construção do Centro Social do SESI, criado como núcleo de assistência e lazer para as famílias operárias.

Igualmente no período de 1952 a 1964, Guilherme Renaux foi eleito e exerceu as funções de Delegado da FIESC junto ao Conselho de Representantes da Confederação Nacional da Indústria. Em consequência, no ano de 1958 foi indicado por esse mesmo Conselho, tendo seu nome sido aprovado pelo Presidente Juscelino Kubitschek, para representar o Brasil junto à OIT (Organização Internacional do Trabalho) e ao GATT (General Agreement on Tariffs and Trade) — ou Acordo Geral de Tarifas e Comércio), com sede em Genebra. Na Convenção Internacional Têxtil sob os auspícios da OIT, da qual participaram 54 países, foram discutidas e estudadas principalmente, as condições de trabalho na indústria têxtil, enquanto que as reuniões do GATT pretenderam defender os interesses de cada país dentro de um novo sistema de tarifas alfandegárias para o comércio internacional. Nessa ocasião, viajando a Roma, foi recebido em audiência particular no Vaticano pelo Papa Pio XII, recebendo a bênção em nome dos trabalhadores do Brasil, com menção especial aos operários de Brusque.

Passagem menos conhecida, mas não menos importante para um capítulo da história da indústria têxtil, é a da contribuição científica de Guilherme Renaux na cultura do algodão. Foi o segundo engenheiro agrônomo a formar-se no Estado, após Hercílio Luz. Como filho de Carlos Renaux, fôra obrigado, tal qual seus irmãos, a formar-se num ramo que, condizente com sua aptidão, servisse ao desenvolvimento da terra escolhida como Pátria. O irmão mais velho, Otto, teve formação prática através do trabalho precoce dentro da fábrica, cabendo-lhe a administração geral dos negócios; Paulo deu continuidade ao ramo inicial do pai, a seção comercial da firma;

Júlio, o terceiro na seqüência masculina, formou-se em Direito no Colégio Militar do Rio de Janeiro, foi Juiz de Direito em Brusque e Dep. Estadual; Luís estudou Medicina para prestar assistência aos operários da Fábrica e ao Hospital de Azambuja; Carlos Jr. especializara-se em mecânica e caberia a direção da Fábrica de Cimento na foz do Itajaí; e o mais novo, Guilherme, formou-se em Agronomia a fim de desenvolver localmente a matéria-prima para a indústria têxtil.

Os estudos e a carreira de Guilherme Renaux desenvolveram-se de acordo com o projeto maior do pai, de aproveitamento integral da riqueza natural da região. Foram adquiridas terras em Botuverá para a exploração do calcário; no interior de Brusque para a plantação do ramie (fibra da espécie do linho ou da juta) e na divisa com Itajaí para a produção de arroz, local onde Otto Renaux instalou colonos plantadores vindos de Rodeio. Ao mesmo tempo, plano em conjunto foi desenvolvido pelas firmas Hering e Renaux, para o fomento da cultura do algodão no litoral de Santa Catarina.

Dentro deste espírito, o menino brusquense iniciou seus estudos como todos os demais, na Escola Alemã Evangélica da cidade, completando o ciclo com os padres jesuítas no famoso Ginásio Catarinense em Florianópolis. Em 1912 passou a estudar no Rio de Janeiro, no Colégio Paula Freitas e em 1915 entrou na Escola Politécnica, cujo currículo compunha-se na época, do estudo da matemática, física, biologia e mineralogia. Em 1917 continuou seus estudos na Escola Superior de Agricultura e Veterinária, formando-se em 1920 com o título de Engenheiro Agrônomo. Por seu destaque, recebeu nessa ocasião do Governo Brasileiro, uma bolsa de estudos para especializar-se no exterior.

No mesmo ano de 1920, Guilherme Renaux partiu para a Suíça, matriculando-se no "Établissement Federal d'Essais de Semences" em Lausanne, onde fez pesquisa sobre os modernos processos de genética sob orientação do prof. Martinet, visando a cultura do algodão. Em 1921 dirige-se a Kansas, nos Estados Unidos onde freqüentou o Kansas State Agricultural College para especializar-se na seleção das sementes do algodão e estagiou na firma Anderson, Clayton & Co. para aprender sua classificação e comercialização. Durante sua estada nos Estados Unidos teve grande significado para sua carreira futura, o encontro com o professor brasileiro, Raymundo Cruz Martins.

Em 1922 voltou ao Brasil. Tratava-se então de aproveitar os conhecimentos adquiridos no exterior em benefício da própria terra. O período após 1922 foi marcado pelas experiências sobre o cultivo do algodão, pois o grande desafio na época era introduzir sua cultura rentável nos estados centrais e do sul do Brasil.

As primeiras experiências foram realizadas em nome de firma particulares. Inicialmente recebeu de seu pai, que ambicionava plantar algodão em Santa Catarina, o encargo de abrir culturas em Camboriú. Este plano

parecia razoável. Desde o período colonial o caboclo mantinha o cultivo peregrino de pequenas quantidades. Com este fim, foram trazidas sementes, escolhidas e desinfetadas, dos Estados Unidos. Os resultados esperados porém, não foram atingidos. O clima e o solo catarinense não são adequados. As chuvas da região apodrecem os casulos que contém as sementes, as quais também não estavam imunes a uma praga local, a lagarta rosada.

No encerramento desta tentativa, a firma Carlos Renaux decidiu, em associação com a firma Oscar Mors & Cia. de São Paulo, com financiamento do Banco Alemão Transatlântico e outros acionistas, plantar algodão no Triângulo Mineiro. As condições climáticas e de solo eram adequadas, uma grande fazenda de 4.000 ha. foi comprada no município de Araguary. Guilherme dirigiu a cultura de uma área de mais de 100 ha. Constatou-se após algum tempo, que o algodão da região era excelente quanto à qualidade e ao crescimento, mas produzia poucos casulos, o que tornava insuficiente a colheita.

A partir daí, o agrônomo brusquense continuou sua atividade em Campinas. Desde 1925 participou da introdução do programa de desenvolvimento da cultura do algodão no Estado de São Paulo. Em Campinas voltou a encontrar-se com seu companheiro de estudos nos Estados Unidos, Raymundo Cruz Martins, chefe do Serviço Científico do Algodão do Estado de São Paulo. Cruz Martins e Renaux desenvolveram diversas qualidades de sementes que se adequaram ao clima e solo de São Paulo. Deram uma contribuição científica de longo alcance para o desenvolvimento econômico do Estado, criando um tipo de sementes que deu novo rumo à cultura paulista, tornando-a comercializável no mercado, graças à produção superior e mais homogênea dos algodoads em comparação aos do nordeste. No ano de 1974, seu desempenho seria lembrado, recebendo medalha e diploma de "Honra ao Mérito" da Federação Nacional de Engenharia pelos 50 anos de serviços prestados.

Em 1927 deixou seu trabalho em São Paulo, ao ser encarregado pelo pai de explorar a mandioca em Brusque e dirigir a fabricação da fécula. Um ano depois passou a colaborar com seu irmão Otto, na direção das empresas Renaux.

Em decorrência de seus estudos e vivência dos problemas rurais, participou em 1946 da fundação da Associação Rural de Brusque, criada para dar assistência aos colonos quando estes ainda não dispunham de amparo oficial. Foi eleito sucessivamente seu Presidente, desde a fundação até o ano de 1968.

A biografia de Guilherme Renaux sugere a figura do industrial em que o econômico se vê completamente entrelaçado com os aspectos sociais e culturais pelos quais deve ser responsável o cidadão. Em suas próprias palavras, quando da abertura da Exposição Nacional da Indústria por ocasião do Centenário de Brusque em 1960, deu a entender que o bem-estar da sociedade não depende exclusivamente do seu crescimento econômico, mas do

equilíbrio no desenvolvimento de todos os aspectos que a compõe. E foi assim que se fez presente nas iniciativas sociais e de cultura de nossa comunidade, seja na fundação da Sociedade Musical Concórdia cuja "Banda" deu fama a Brusque, como conselheiro do Clube E. Paisandú, Presidente do Clube Atlético C. Renaux, à frente da comissão que construiu a Igreja Matriz da cidade e ainda como membro civil do Tiro de Guerra e sócio fundador da Sociedade Amigos de Brusque, responsável por nossa memória histórica. Em sua casa igualmente sempre soube dar acolhida especial aos religiosos e intelectuais que vinham enriquecer nosso meio.

Escrevendo sobre Guilherme Renaux, sua imagem pessoal reaviva-se-nos na memória. Figura refinada, gostava da cultura. No interior de sua casa em que vivera com D.^a Alma, sua esposa e mãe de seus quatro filhos, Ingo, Ilca, Ruth e Gabriela, dominava a harmonia de estilo e a beleza do arranjo das flores em lugar de qualquer luxo ou ostentação. Entre os recantos, seu orgulho era a biblioteca na qual despontava como uma das obras preferidas em edição especialíssima, "Os Lusíadas", de Camões, cujos trechos tantas vezes eram por ele recitados em ocasiões festivas. Guilherme era o intelectual da família, tendo herdado do pai, Carlos Renaux, como gostava de salientar o acentuado gosto pela estética.

Soube morrer com dignidade. Sofrendo de moléstia grave, todos os dias sentava-se no terraço de sua residência a contemplar o jardim impecável que seu gosto pela natureza idealizara. Junto dos livros e de suas lembranças que na solidão ele parecia repassar, ofereceu como sacrifício e ato de purificação à sua hora final, o silêncio e a recusa de qualquer paliativo que lhe amenizasse a dor.

POLONESES: a epopéia de uma imigração.

MARIA DO CARMO RAMOS KRIEGER GOULART

Quando, em setembro de 1871, os poloneses deixaram a Colônia Príncipe Dom Pedro rumo a Curitiba, não imaginaram, por certo, que lá enfrentariam as mesmas dificuldades daqui: problemas de lotes, de moradia, de alimentação surgiram e se agravavam frente à situação criada pelos próprios poloneses com sua fuga.

O Paraná não estava preparado para recebê-los e a inexistência de um abrigo destinado a imigrantes foi confirmada, tempos depois, em representação datada em 27 de janeiro de 1873 encaminhada ao Governo da Província do Paraná pela Câmara de Vereadores de Curitiba. Neste documento os senhores vereadores lembravam o Governador da hipótese da chegada de novos imigrantes e chegaram a sugerir sobre "a conveniência de construírem-se nos arrabaldes d'esta capital algumas casas de madeira vastas e com acomodação apropriadas para recebê-los, uma vez que dentro da cidade não se encontra prédio algum em taes condições" (1).

Não era infundada, pois, a preocupação do então Ministro da Agricultura declarada em telegrama de 1.º-11-1871 endereçado ao Presidente da Província do Paraná e no qual indagava sobre a situação dos colonos Polacos, "se eles andavam esmolando e não tinham com que se ocupar".

Realmente a preocupação em torno da transmigração de colonos poloneses de Santa Catarina para o Paraná foi grande. Não menor foi a movimentação deles próprios em requerer terras à Câmara Municipal de Curitiba nos lugares denominados Pilarzinho e Rocio. Entre os requerentes solicitadores da entrega de lotes, em data de 7 de novembro de 1871, figuravam os nomes dos colonos **Francisco Kania, Filipo Kokott, Thomas Sinowski, Simon Purkott e Simon Otto** — nomes que também constavam da lista das famílias polacas chegadas a Colônia Príncipe Dom Pedro em agosto de 1869.

Conseguiram ou não os lotes desejados? Em 1.º de outubro de 1873 **Simão Purkott** apresentou à Câmara requerimento solicitando terras e, segundo ata da reunião daquela Casa (2), ele foi informado pelo fiscal que o mesmo requerimento havia sido remetido à comissão respectiva para interpor parecer sobre o mesmo.

Em 22 de abril do mesmo ano, na 13.^a Sessão Ordinária da Câmara foi lido o parecer da Comissão de terras no Rocio, a qual concedia, nos seguintes termos: "a comissão encarregada de dar o seu parecer sobre os requerimentos pedindo terrenos no Rocio d'esta Capital, vem cumprir este trabalho: (seguem-se diversos nomes) todos requerendo terrenos; a comissão, baseada na informação do Snr. Fiscal, acha estas pretensões justas, entendendo que se deve mandar as competentes cartas pedidas; igualmente aos colonos e **Simon Otto**, aquelle pedindo a dos terrenos que lhe coube, na Colonia Pilarzinho, e este pedindo um terreno devoluto que existe junto aos lotes n.ºs 83 e 84 que lhe pertence na mesma colonia, com o fim de augmentar a sua lavoura, com o que a comissão também se conforma". Seguiam-se outros assuntos discutidos na reunião, e em seguida consta da ata: "Foi approved o parecer da comissão, resolvendo a Câmara conceder os terrenos pedidos por e Simon Otto" (3).

Bem! Simon Otto estava com sua terra garantida. E os demais? Encontramos referências sobre as pretensões de outros colonos poloneses emigrados de Brusque para Curitiba: em 23 de novembro de 1873 (**Nicolau Worsch e Miguel Prudlo** pediam à Câmara Municipal de Curitiba a concessão de terrenos no Rocio, "e como já se achão taes requerimentos informados pelo Snr. Fiscal, declarou o Snr. Presidente a todos elles, fossem remettidos à comissão respectiva" (4).

Na ata da reunião de 1.^o de fevereiro de 1873 consta do expediente que os "requerimentos de Miguel Prudlo e Nicolau Worsch devem voltar ao Snr. Fiscal para informar se o terreno que já possuem está com effecto cultivado" (5).

E na reunião de 6 de fevereiro de 1873 os dois requerentes — Miguel Prudlo e Nicolau Worsch —, tornaram a apresentar seu pedido de terreno no Rocio. Segundo registro em ata, "forão remettidos a respectiva comissão para dar seu parecer (6). Parecer favorável pois consta da ata de 10.^a Sessão Ordinária (7) que "Nicolau Worsch e Miguel Prudlo, ambos pedindo do cincuenta braças de terreno, a comissão é de parecer que seja concedido aos mesmos os terrenos que pedem". O assunto, após votação, foi approved "resolvendo a Câmara conceder os terrenos pedidos" (8).

Para surpresa nossa, um dos expedientes da sessão ordinária da Câmara Municipal de Curitiba de 13 de outubro de 1873 (9), dá conta do seguinte: "Foi lido um requerimento de Sebastião E. vos Saporski, pedindo a Câmara que lhe ateste se 32 familias Polacas, constantes de uma relação juncta, permanecem no Rocio desta capital, o que (ilegível) consta sobre sua aptidão para a lavoura, se são morigeradas e quaes adiantamentos pecuniários

ou favores que receberam do governo" (10). Em resposta, a "Camara, à vista da informação do Snr. Fiscal, resolveu atestar-lhe que é verdade permanecerem no Rocio desta Capital, que são excelentes lavradores e dedicados ao trabalho, muito mourigerados, não constando a esta Camara haverem recebido essas famílias quaisquer favores ou adiantamentos pecuniários do Governo para o seu estabelecimento".

A preocupação do senhor Saporsky chegava um pouco tarde, uma vez que ele próprio, dois anos antes (setembro de 1871) é quem havia idealizado e liderado a transmigração dos colonos poloneses de Santa Catarina para o Paraná. O fato é que eles se ajeitaram como puderam e ficou comprovado que nem seu líder scube encaminhá-los tão bem. É sobre tal reemigração que levantamos o "x" da questão: os poloneses, afinal, não ficaram, na sua chegada ao Paraná, melhor do que aqui em Santa Catarina. Por que então, enaltecer este aspecto e menosprezar a acolhida na Colonia Príncipe Dom Pedro, transformando o Paraná num anfitrião simpático e acolhedor?

Foi com sua luta, com seu sacrifício que o imigrante polones se estabeleceu em terras brasileiras.

Só a ele cabe os louvores da glória de uma imigração bem sucedida.

NOTAS: (1) Livro de Atas da Câmara Municipal de Curitiba, p. 153 e seg.; (2) id. ib. pág. 23; (3) id. ib. pág. 184; (4) id. ib. pág. 152; (5) id. ib. pág. 163; (6) id. ib. pág. 167; (7) id. ib. pág. 172; (8) id. ib. pág. 175; (9) id. ib. pág. 31; (10) id. ib. pág. 31).

UMA EXCURSÃO AO PINHEIRAL

MAX J. SCHUMANN

Engenheiro, foi Chefe do Comissariado de Terras e Colonização do 2.º Distrito, com sede em Brusque, entre 1907 a 1912, Organizou e realizou várias expedições pelo interior de Brusque descrevendo-as em notáveis artigos publicados no jornal "NOVIDADES" de Itajaí. No número 10 destes Cadernos transcrevemos "Uma excursão no centro de Brusque". Neste número, a seguir, Uma excursão ao Pinheiral.

PINHEIRAL de outrora e de hoje. Aspecto da viagem até Nova Trento. Morro dos Polacos e da Onça. A pátria das cadeiras italianas e o velho Bellegante. Um monumento a N.S. do Socorro. Nova Trento ao longe. A passagem da serra do Braço. Mudança de cenário. De como me recordei da Alemanha e de Goethe. A 210 metros acima do nível do mar. No vale do Ribeirão Bonito. Uma cruz na estrada e uma travessia perigosa. A influência da construção de uma estrada para o bem estar de um núcleo. A sede do Pinheiral. Trinta quilômetros por uma caixa de fósforos. A cultura da vinha, da amoreira e da casia-canafistula. O centeio, a aveia, o cânhamo e o linho europeus. Nova Trento: maioria de italianos. Duas igrejas na sede e 22 capelas nos Distritos. Duas mil confissões por mês. Confrarias e Irmandades. A cruz por toda parte. Dados interessantes sobre a cultura da seda em Nova Trento. Medalhas de ouro e de primeira classe nas exposições. Presentes de obras de seda ao presidente da República. "Res non verba". Necessidade de teares modernos. Um passeio pela Vila. A metade vale mais que o todo. As estradas do município. Um estabelecimento industrial para beneficiar café, arroz, e a fabricação de tecidos. A casa do senhor Gottardi. Os seus armazéns repletos de mercadorias. A cama do ministro japonês. Como é possível comer com um pausinho 500 sacas de arroz. Futura excursão a uma terra incógnita.

Um futuro auspiciosíssimo é o prognóstico que faço d'esta fertilíssima e bela região serrana, pertencente ao município de Nova Trento. Poucos anos atrás, a região, inabitada, com caminhos péssimos, impossíveis, obrigava o forasteiro a entrar, bem preparado em todos os sentidos, neste sertão. Hoje, o Pinheiral já é procurado como lugar para veranejar, e no fim deste novo ano, 1908, espero ter a honra de cumprimentar já o exmo. sr. governador na inauguração da estrada de rodagem atualmente em construção.

Dista a sede do Pinheiral da vila de Brusque, 64 kilometros, dos quais 28 regulam até Nova Trento. Fiz a viagem n'um só dia; mas apeando por uma noite de luar, quente e abafada, na casa de um colono. Nenhum dos presentes julgou exagero quando declarei: "Estamos fritos", referindo-me ao meu velho companheiro, a meu burro, que com um relincho das profundidades da alma asnal confirmou as minhas palavras: "Não é brinquedo, abando-

nar os pastos do seu país para os 83 quilos do patrão velho, e debaixo de um calor de 35.º graus à sombra, disse ele consigo e meteu-se, com a alma estóica d'um verdadeiro e legítimo asno, n'uma quarta de milho.

Entre Brusque e Nova Trento estendem-se duas cordilheiras de boa altura e íngremes subidas, que o viajante tem de passar. A primeira no morro dos Polacos. O senhor barão Von Ecker, secretário da Legação Alemã no Rio de Janeiro, calculou a garganta — não o cume — no ano de 1898, em 278 metros de altura. É divisa de águas e forma assim também a divisa municipal. A estrada, que passa este morro, sobe e desce em bons zigzagues, e o seu estado de conservação é regular e no lado brusquense começaram justamente os consertos bem necessários.

A outra cordilheira corta a estrada no morro da Onça, que tem ao menos a mesma altura.

Entre elas estende-se largo e bonito vale do ribeirão do Krecker ou conhecido também por Nova Aliança. Na encruzilhada que as picadas aqui estão formando, é um ponto obrigatório de parada para o viajante. Há duas pousadas lá, perigosas ao estômago do itinerante, como já provaram muitíssimas pessoas. São as hospitaleiras casas dos srs. Carlos Bayer e Guilherme Seemann. Aconselho a quem tenha de passar lá não alimentar-se no dia anterior. Assim guarda-se a disposição para satisfazer aos amáveis empenhos dos dois cavalheiros. Caso contrário corre-se o risco de um formidável indigestão, pois é impossível visitar só um, sem ofender o outro. Esta impressão levaram consigo o sr. General Marciano, como também o sr. Ministro japonês Uschidha.

No passo da Onça encontra-se uma capelinha velha e quase caída junto a uma moradia nas mesmas condições tristes, sinal inegável que o dono está mais dedicado ao álcool que ao trabalho.

Na mesma Onça acha-se a pátria das cadeiras italianas ou de palha. O velho sr. Bellegante já fabricou milhares de dúzias d'elas, cujo preço varia conforme a posição social do comprador, de 12 a 18 mil réis a dúzia. Móvel apreciável para quem, como eu, n'um lustro bem completo, viu-se dez vezes removido, transferido, nomeado, comissionado, etc. Deixando-se as "italianas" de palha na sua ex-residência e o sucessor, achando-se talvez nas mesmas condições, fica-lhe grato, encontrando no seu novo domicílio já uma ocasião para o seu assento natural.

N'um dos contrafortes mais altos da Serra da Onça encontra-se quase no seu cume uma capela dedicada à Nossa Senhora do Socorro. Os moradores da região resolveram erguer, no ponto mais elevado, à sua Padroeira uma estátua de bronze de tamanho natural.

Duas juntas de bois puxaram a Santíssima Virgem, que tem um peso de mais de 700 quilos, para cima, onde já se acha construído o pedestal de pedras quebradas, que servirá como socco d'uma coluna de tijolos de 15 metros de altura para o futuro assentamento da estátua.

O vale d'este morro que o itinerante tem de percorrer, está cheio e coberto de enormes quantidades de pedras soltas e roliças e de tamanhos iguais, prova evidente da luta medonha dos elementos durante a época diluviana. Aqui acha-se a gente n'um verdadeiro campo de batalha das indomadas forças naturais na transformação de nosso planeta. Quem passa aqui atento verá mais do que grandes quantidades de granito misturado com quartzo rosado ou côr roxa.

Poucos kilometros adiante, aparece ao viajante a vila de Nova Trento. É uma vista alegre e apreciada por cada itinerante. Com as suas casas asseadas, cuja maior parte são assobradadas, com os seus abundantes mananciais, o rio do Braço e o Ribeirão Alferes, que parecem fitas de prata no luxuriante verde do campo e mato, impressionam elas agradavelmente ao recém-chegado. A versão de que esta Vila foi construída n'um caldeirão de serras não se mostra real, pois aproximando-se ao lugar, recuam-se os morros e estende-se aos pés do viajante o largo e fértil vale do rio do Braço.

Apesar d'um calor quase insuportável, demorei-me pouco tempo aqui, sómente para deixar descansar um pouco o meu animal e pedir ao sr. superintendente Giacomo Poli, um vaqueano. Sua senhoria sempre gentil, pos à minha disposição o seu filho, o jovem Augusto Poli.

Com o pé já no estribo, experimento um copo do bem afamado vinho do Alferes e a largo trote passamos a vasta e agradável várzea do rio do Braço, para logo adiante da capela do Salto começar com a subida da serra do Braço. Em duas horas batidas passamos, quasi sempre acompanhados do ruidoso som da correnteza do rio, com as suas numerosas cachoeiras, saltinhos, estreitos, penhascos, etc. formando obstáculos sérios ao transporte da madeira serrada dos poucos engenhos, que ainda existem no rio mais para cima.

Com a passagem do cume da serra muda-se muito o cenário. Em lugar de uma várzea larga e de uma subida suave, achamo-nos n'um vale estreito, cercado de íngremes morros, cujos sopés se banham nas claras correntes do rio. Ribeirões afluentes com diversos saltos, alguns engenhos de serra e cana, as casinhas dos moradores na beira da estrada, quase cobertas do verde escuro dos cafeeiros aguentam muito o pitoresco encanto da paisagem montanhosa. Passei aquí muitos trechos julgando-me no vale do rio Bode, no Harz, na Alemanha, donde o imortal Goethe, um século antes, levou consigo muitas impressões para a sua imperecível obra "Fausto". Somente as delgadas Cheriças e Jerivás lembravam-me da realidade, destruindo as minhas ilusões e sonhos dos tempos passados.

Subindo e descendo chegamos n'uma ponte, suspensa por dois fracos cabos de arame e passamos aquí para a margem direita do rio. Achamo-nos n'uma altura de 210 metros sobre o mar ou 132 metros mais alto do que a vila de Nova Trento.

Poucos anos atrás funcionava aqui uma balsa. A falta de conservação arruinou-a logo e n'um belo dia naufragou, mas não sem fazer as suas vítimas. Não permitindo a corrente passar o rio a cavalo, viu-se a Câmara Nova Trentina obrigada (apesar de um rendimento bem escasso) a construção da atual ponte. Sendo ela fraquíssima e somente d'uma largura de dois metros, permite a respectiva lei a trânsito só de cargueiros. Mas certos desordeiros em desobediência proposital passam-na, não somente com carro de bois, como abusam também com transporte de madeira de arrasto. Naturalmente acha-se a ponte n'estas condições, apesar de ser ainda bem nova já n'um estado precário, que se pode dizer, os dias d'ela estão contados.

Começando aqui justamente a construção da estrada de rodagem para o Pinheiral, ficará esta obra pronta, quando a ponte não der mais trânsito. Então será esta obra, de grande importância para o desenvolvimento econômico d'uma vasta e fertilíssima zona, como um corpo sem cabeça.

Entramos no vale do ribeirão Bonito ou na Valsugana como se chamava o lugar antigamente.

Daqui em diante varia o caminho. Trechos já prontos uns, outros em construção ou ainda outros, trechos da antiga picada.

Para chegar à capela d'aquela Linha, modesta casa de táboas situada n'uma pequena chapada da Serra (aqui existe também o último engenho de serra), tivemos de passar o pior trecho de toda a estrada. A subida da picada velha aqui é tão íngreme que n'um dia de chuva o animal não pode segurar-se. A construção nova vai vencê-la com 6%. O senhor Archangelo Ganarini passou também por aqui, e descreve assim este caminho: "La via si andava facendo di mano in mano piú angusta e piú ripida, la valle piú estretta, e noi sempre salendo gradatamente e fianchi del monte passamo sopra chine e frane che mettevano i brivi di a chi guardava in giù".

Descançamos uma meia hora, gozando a altura de 525 metros, um panorama lindíssimo, descortinando as linhas azuis das serras banhadas pela luz do sol poente, porém ainda muito quente. Os altaneiros morros Barrão, Lima, Onça, etc. apareciam com os seus cumes cobertos de nuvens, ameaçando trovoadas.

Fomos adiante, porém, faltava ainda um bom pedaço até o cume do morro da Divisa, com os seus 863 metros de altura.

Aqui encontrei as primeiras araucárias, mas não plantadas, conforme o sr. Augusto me informou. Nascem neste lugar a uns metros distantes os ribeirões Bonito e Tigre.

Quase não notamos a entrada do sol, tal era a luz da lua cheia, somente passando as vezes na descida Taquaris, ficava-se ciente da hora já adiantada, pois aqui encobria-nos a sombra da mata virgem. Como um fantasma aparecia-nos uma cruz já caída e coberta de trepadeiras, que almas piedosas ergueram, há anos, a uma pobre polaca, que aqui sucumbiu às flechas dos selvícolas.

Lembrou-nos este símbolo cristão, que justamente aqui está uma passagem preferida pelos bugres. Precaução nunca prejudica: o animal bem nos freios, o revólver pronto na mão, o rifle frouxo na bainha e "les yeu á droit, les Jeax à gauche", passamos este lugar.

Pouco a pouco alarga-se o vale e já aparecem outra vez roças e culturas. Pelas frestas das portas e janelas das casas brilha a luz dos lampiões. Cachorros que ladram dão-nos as primeiras boas vindas e d'áí a pouco chegamos ao destino de nossa viagem, à sede do Pinheiral.

Quem faz a primeira vez esta excursão pensa involuntariamente, depois de passadas as últimas moradias da 2.^a Seção da Linha Bonito, achar-se definitivamente no sertão e fica agradavelmente impressionado por encontrar aí, atrás dos montes, ainda extensas e bem povoadas picadas, principalmente as da Fraternidade e da Nova Galícia.

Não desapareceram ainda as conseqüências de ter este núcleo, até hoje, por falta de caminho, ficado separado do centro da Colônia; mas inegavelmente já pode-se registrar os bons efeitos da estrada ainda em construção. O povo sente-se animado com a estrada mesmo por enquanto imperfeita e já encontra melhores condições para o transporte dos produtos. Uma bôa parte dos colonos pagaram, o que nunca esperavam poder fazer, em serviços prestados n'esta construção, as suas dívidas coloniais. Muitos que já tinham abandonado os seus lotes, voltaram e encontram novos impulsos e uma viva animação em toda parte.

A sede do Pinheiral mesma, apesar de ter somente meia dúzia de casinhas, causa agradável impressão e o motivo d'isto é a sua situação topográfica.

Finalmente encontrei um lugar designado para a fundação de uma povoação; em comparação com o Pinheiral, pode-se tratar as sedes das Águas Negras e Ribeirão do Ouro francamente como mal lembradas. Achamos aqui n'um chapadão bem plano de grande comprimento e regular largura; pois, tendo descido de 863 metros para 628, pode-se dizer d'aqui em diante não se encontra mais morros tão íngremes e de tanta altura. O sistema de serras aqui são morros baixos, de suaves subidas e entre eles vastas e bem extensas planícies e várzeas.

Um desengano sofrerá quem espera aqui encontrar os pinheiros gigantes, dos quais o lugar deriva o seu nome. Mesmo o verdadeiro pinheiral ainda está bastante longe. Talvez se tenham encontrado aqui, antes da chegada dos primeiros colonos, alguns exemplares, mas para mim, o lugar é mais uma prova, que quem chega n'um tal Pinheiral, não deve procurar pinheiros.

Não obstante esta falta, o ar aqui é saudável, a atmosfera fresca e assim todas as condições dadas para se veraneiar.

Estavam aqui um tripulante d'um palhabote italiano, atacado de beri-beri e já quasi restabelecido; uma família de nove pessoas e mais quatro cavalheiros em recreio, todos hospedados na casa d'um só colono. Este, compreendendo bem o quanto o lugar está sendo procurado, resolveu abrir um hotel e um negócio, porém quem necessita d'uma caixa de fósforos há de ir até o Salto, o que quer dizer que a trinta quilômetros distante se acha a primeira venda.

Relativamente à fertilidade da região percorrida, observei que o solo é um barro arenoso, porém na várzea do Kilômetro 16 e do morro da Onça não é de primeira ordem. Encontram-se aqui muitas capoeiras, sinal de que esta terra está cansada. Da Onça em diante melhora o solo sucessivamente, para mostrar nas margens do Braço fertilíssimos trechos. É de um aspecto agradável esta vasta planície, coberta de milho sasonado, com o verde escuro da cana ou o verde luxuriante dos arrozais. Aqui as enchentes depositaram, no curso de muitos séculos, uma camada de humus, de modo que a terra aí parece inexaurível. Também nos morros, que passei, a terra não é estéril, mas, para poder dar boas colheitas, necessita de copiosas chuvas.

Já na descida do morro da Onça começa a cultura da vinha em maior escala. Ao redor de cada casa estendem-se regulares e mesmo até grandes parreiras e, como reparei, bem carregadas. A cultura das uvas acompanha-nos até o Pinheiral. O vinho da região já goza d'uma grande fama. Julgo o vinho de Alferes igual ao de Caxias e o do Pinheiral superior àquele produto do Rio Grande do Sul.

Os vinicultores estão esperando ansiosamente, por todo o mês vindouro, a chegada do Dr. Tulio Cavalazzi, agrônomo itinerante do Governo, para instruírem-se em métodos mais modernos e mais aperfeiçoados deste tão importante ramo da agricultura que em nosso País ainda não saiu da infância. Notei que as folhas já estão secando e as uvas ainda não estão bem maduras. Os bagos pareciam-me não amadurecerem igualmente e julgo isto a conseqüência de não termos cultivado as videiras verdadeiramente próprias para o nosso clima e solo.

Cultiva-se sempre aqui a amoreira, mesmo em grande escala, pois encontrei alguns amoreirais bem regulares. Nos pomares da Onça estão plantadas "Cassias-canafistula", um arbusto duma estrutura parecida com o da figueira, planta medicinal cuja fruta, uma vagem de cerca de 40 cm de comprimento dá um refresco agradável ao paladar e de efeito purgativo.

O Pinheiral oferece ao forasteiro uma vista bem diferente. Aqui não há mandioca nem cana.

Os cachos de bananas aparecem como contrabando e em lugar da banana cultiva-se o trigo, centeio, aveia, a batata inglesa, o cânhamo e o linho europeus.

Devia-se cultivar frutas setentrionais, como a maçã, pera e cereja e também a ameixa japonesa que davam aqui perfeitamente. Em substituição da cana, como pasto para os animais, os moradores d'aquí deveriam cultivar a alfafa.

O município de Nova Trento tem uma população inteiramente italiana, pois os poucos brasileiros e alemães que cá existem desaparecem completamente. E as famílias polacas somente n'um número de cerca de sessenta, por formarem um núcleo inteiro e separado, dão na vista. Talvez que seja este o motivo por que temos aqui um povo extraordinariamente católico. A vila com suas 120 casas tem duas igrejas: a matriz, dedicada ao SS. Coração de Jesus e a Capela de São Virgílio. Nos diversos distritos do município contam-se 22 capelas, quasi sem exceção, capelas grandes e bonitas. Isto é razão para o excursionista estranhar que a Matriz da vila, a igreja mais importante de todo município, acha-se completamente em ruínas. Ninguém pode dizer que estes tristes restos de um lugar que foi uma casa de Deus possam ser considerados como uma decoração própria da Praça, principalmente da vila, cujos moradores visivelmente mostram tanta vontade de dar à sua sede um aspecto agradável. Aqui há somente uma cousa a fazer: tirar de uma vez estas ruínas e reconstruir ou não a igreja. Com tal serviço só tem a lucrar o bom aspecto do lugar. A Capela de S. Virgílio é uma construção de bem regulares dimensões. Bem asseada e conservada, fica ela junto ao Convento dos padres Jesuítas, que administram esta Paróquia. O vigário é o mais velho de todos os sacerdotes estrangeiros de Santa Catarina. Poucos dias antes da minha passagem festejou ele seus 50 anos de sacerdócio.

Nova Trento é rica de irmandades religiosas. "L'Apostolato d'el Orazione", com cerca de 1300 membros, tem por fim a propaganda para conservação dos sentimentos religiosos e para consecução de tal fim confessa mais de 2.000 pessoas mensalmente.

"L'Unione delle Figlie di Maria" conta até 300 sócias e

"Di S. Francisco" mais de 120 pessoas. "Le Suore dell'Immacolata" ou a "Irmandade da Imaculada Conceição" é uma agremiação de que vou falar mais tarde. Os "Irmãos Robertini" instruem a mocidade na religião e preparam-na para a primeira comunhão.

Cruzando a vila e as diversas estradas do município observei que acima da porta de cada casa acha-se colocada uma cruz negra de ferro

— uma fantasia sobre a cruz hierosolomitana. Encontrando-a simplesmente colocada ou em campos brancos ou azuis, julguei ser o distintivo d'uma destas numerosas congregações. Mas, informaram-me que, na passagem do novo século, vieram os padres Franciscanos de Blumenau vendê-las. Foram distribuídas assim mais ou menos mil cruces. A única Irmandade que tem valor na luta pela vida profana é aquela das Irmãs da Imaculada Conceição. Filhas de pobres colonos do município, dedicando-se há 4 anos, na fabricação de produtos séricos.

Foi a primeira ocasião que tive para poder apreciar a fição da seda, por isto fiquei muito satisfeito de me ter encontrado na minha volta do Pinheiral, na casa do coronel Francisco Gotardi Primo, com o senhor coronel Carlos Renaux.

Na pessoa de S.S. tive o explicador mais habilitado que é possível se desejar, do processo técnico.

Fomos recebidos com a maior gentileza pela Rev. Madre Paolina del Cuore Agonizante de Gesú. Foram-nos mostrados, primeiro, na sala de visitas do Convento, os produtos preparados, como fazendas brancas e de cor, chales, lenços, meias e mais obras de crochê, cordas, novelos e meadas de fios de diversas cores. Em vista destas obras, não é de admirar que o Convento tenha obtido na grande exposição de São Luiz medalha de ouro e fosse também distinguido no certame estadual, no ano 1905, com a de primeira classe. Merecem verdadeiros aplausos estas Irmãs, pois não dispoem de capitães para poderem trabalhar com máquinas modernas, são elas obrigadas ao trabalho manual e com máquinas bem antiquadas desde a desfiação do casulo do bicho da seda, que se procede n'uma casa separada, até os tecidos ficarem prontos, faz-se todo o trabalho a mão. Eis aqui o motivo por que o produto nosso não pode concorrer com o estrangeiro, pois o trabalho mecânico não só poupa muito tempo e custa mais barato, como faz a mercadoria ficar muito mais aperfeiçoada e mais fina. O fio preparado pela máquina é cinco vezes mais fino, então a matéria prima dá neste caso cinco vezes mais material do que o material feito a mão. Pesamos um par de meias, servindo como peso, meias estrangeiras. O resultado foi que o par de meias trentinas pesa tanto como cinco pares europeus. Nestas condições o Convento não pode concorrer no mercado universal. Seu produto sempre custará mais caro, porém tem muito mais matéria prima. Na fábrica mesmo, estão colocados cinco teares, dos quais quatro estão quebrados, faltando recurso para concertá-los.

As freiras com o maior sacrifício, mandaram ao exmo. sr. presidente da República, por intermédio do exmo. sr. Senador Dr. Felipe Schmidt, há poucos meses, importantes presentes como prova de sua indústria. Disse-ram-me que os objetos enviados tinham o valor de mais de quinhentos mil réis. Os jornaes fluminenses elogiaram as amostras, mas as Irmãs esperavam que o reconhecimento do Dr. Afonso Pena fosse manifestado de outra forma. "Res non verba".

Não tendo recebido nada até hoje do Palácio do Catete, esperam as freiras que o exmo. dr. F. Schmidt seja o portador d'uma boa nova. E, verdadeiramente tem aqui o dr. Afonso Pena a melhor ocasião de pôr em prática a respectiva lei do ano passado. Não precisa o sr. presidente da República colocar as Irmãs sob a sua alta proteção, mas é justo que lhes seja concedido o prêmio estipulado.

A estas sericultoras deve-se o plantio da amoreira no município inteiro, pois esta cultura, já antiga ali, tinha enfraquecido muito, por não terem os moradores obtido resultados satisfatórios, e hoje talvez ninguém cultivasse mais a "Morus-alba", se esta agremiação religiosa não tivesse iniciado a tecelagem da seda. Assim elas deram novos impulsos à criação do bicho da seda e tornaram-se indiretamente plantadoras de muitos milhares de árvores. Seria de justiça dar-lhe ao menos tantas vezes o prêmio estipulado, quantos 2.000 pés de amoreiras se houvesse plantado aqui.

Com este prêmio achava-se a Irmandade em condições de comprar algumas máquinas modernas. Muitos velhos e pobres incapazes de trabalhar na roça, encontrariam, com a criação dos bichos da seda, meios para se sustentarem. Interpretando a já mencionada lei neste sentido, ninguém negará que as Freiras são merecedoras d'um prêmio bem avultado.

O sr. Renaux, que há mais de cinco anos não tinha visitado o Convento, julgou o fio muito mais aperfeiçoado do que d'antes, mas ficou também convencido que é impossível confeccionar com esses antiquados teares para o mercado internacional.

Percorremos, em companhia do superintendente municipal, sr. Giacomo Poli, as bem asseadas ruas da vila. Ao passarmos a ponte principal que atravessa para o importante núcleo Trinta Réis, fêz-me sentir o sr. Polli as suas máguas de administrador. A ponte de um metro de largura, é suspensa, como a outra, por meio de correntes, mas está completamente estragada e cada dia pode faltar a ligação entre as duas margens do rio. Então o pobre sr. Polli está dando tratos à bola, não sabendo o que fazer. A reconstrução das duas pontes é mais do que necessária e não encontra os meios nos cofres municipais para poder atender a esta obra.

O sr. coronel Renaux é que era capaz de bem compreender situação precária semelhante, porque há poucos anos achava-se como Superintendente em condições idênticas. Faltavam a Brusque as suas principais pontes. Custaram também muitas preocupações, mas a conhecida vontade férrea do coronel Renaux venceu. Dei ao sr. Polli como conselho a máxima de Hesíodo, o mais antigo poeta e filósofo da clássica Grécia: "A metade vale mais do que o todo". Ele deve explicar minuciosamente ao nosso Governo a situação crítica em que se encontra.

O atual momento governamental é a melhor ocasião, pois o sr. coronel Richard com a sua reconhecida largueza de vistas, já provou mais de uma vêz que está infatigavelmente trabalhando pelo verdadeiro progresso de nosso querido Estado. Obtendo o município meios do governo estadual para uma ponte, já podia acumular recursos para poder atender a outra, e, assim, repito, que a "metade vale mais que o todo".

Quero aproveitar a ocasião para assinalar o estado relativamente bom das estradas municipaes. Nota-se que elas nunca foram abandonadas durante longos anos, pois ao contrário os rendimentos do município não dariam para consertá-las da forma como se acham.

Não é somente a natureza do terreno arenoso, julgo o principal motivo do seu bom estado, a medida que a Câmara, como imposto vicinal tomou, obrigando cada morador a trabalhar anualmente dois dias para a sua conservação. Assim cada um tem o mais vivo interesse em manter em bom estado, tanto quanto possível o seu trecho.

Na casa do sr. Major Hypólito Boiteux passamos agradáveis momentos, cumulando-nos de atenções a exma. sra. Alzira Boiteux.

Daf embarcamos no carro do sr. Gottardi para ver as obras em construção do mesmo senhor. No pitoresco salto do Ribeirão Alferes, o sr. Gottardi está construindo um estabelecimento técnico com força motriz das águas d'aquela lageado. Tal instalação é idêntica a do sr. Renaux, em Brusque. A grande força d'água de que pode dispor o sr. Gottardi, permite a exploração de diversas indústrias: beneficiamento de café e arroz, instalações elétricas, fábrica de tecidos, etc. e outras que, por ora não estão ainda decididas.

São dois Hércules que não sabem que caminho seguir, os srs. Polli e Gottardi: o primeiro não pode agir por falta de recursos e o segundo por abundância de meios.

Como dissemos, fomos hóspedes da fidalga casa do último cavalheiro. Casa modelo em todos os sentidos, não só por causa do asseio e bom gosto, que ali reinam, como também por ser construída caprichosamente. Por maior que seja o calor que faça, o hóspede encontra um recinto fresco. Sendo a frente da casa destinada ao pacífico comercio, parece o paredão dos fundos a muralha de uma fortaleza. No umbroso jardim encontram-se os assentos curiaes do antigo Forum Romano, convidando a gente a gozar ali um pouco de "doce farniente", ao murmúrio embalador das águas do Alferes.

Tudo prova que o seu proprietário dispunha dos necessários elementos e poder gastar fartamente para obter assim uma vivenda a seu gosto. As condições de cada familia correspondem as do depósito. N'esta casa há fartura de tudo. "Aqui tenho tantas centenas de barricas de açúcar, disse-nos o sr. Gottardi. Ali estão 1.800 sacos de farinha de mandioca. Aquele depósito está cheio de vinhos; além é só milho. Café tenho lá e cá 3.600 sacas". Homem feliz que está valorizando o café por conta própria, disse eu de mim para mim.

Passei a noite na mesma cama que o sr. Uchida, ministro japonês, ocupou. Mas não pude conciliar o sono, pois em consequência do que tinha visto, passei a noite a sonhar que fôra obrigado a comer com um pauzinho quinhentas sacas de arroz.

Despedindo-me no outro dia dos meus distintos e hospitaleiros amigos, prometi volta no próximo mês para entrar d'aqui pelo sertão e subir o rio do Braço em demanda do Ribeirão do Ouro. Tendo apenas conseguido chegar à beira d'aquela floresta, ainda virgem, fiquei muito impressionado e desejoso de conhecer aquela terra incógnita.

Brusque, fevereiro de 1908.

M.J. Schumann.

Documentos da Administração Barão Maximiliano de
Schneéburg referentes a junho, julho, agosto e setembro
de 1864.

(Respeitada a ortografia original).

Illm.º Snr.

Devolvo inclusos os requerimentos de Francisco Sallentien e de seu socio Reinhold Gaertner com os mais papeis concernentes à petição dos Supplicantes sobre a indemnisação, que sollicitão ao Imperial Governo das terras, que forão desmembradas da propriedade dos Requerentes nas Agoas-claras, (nome do lugar) pela medição e demarcação do 2.º quadro da Colonia Itajahy-Brusque, feita pelo Engenheiro Rivierre na margem direita (lado sul) do Rio Itajahy-mirim como encarregado d'esta Commissão pelo Imperial Governo, sendo o 1.º quadro do território da Colonia exclusivamente na margem esquerda (lado norte) do mesmo Rio.

Em cumprimento ao Officio de V.ª S.ª de 28 de Maio proximo passado, no qual me remetteo os mencionados requerimentos em Original, e as informações respectivas em Copias, do Juiz Commissario Frederico Xavier de Souza e minha, encumbindo-me de informar outra vez o mesmo assumpto, tenho a honra de declarar respeitosamente à V.ª S.ª que minha primeira informação (cuja Copia consta sob n.º 3 dos declarados Documentos, que devolvo) foi por mim apresentada à Exma. Presidencia da Provincia com data de 14 de Novembro de 1862 (em virtude de Ordems recebidas), de baixo de um minucioso Estudo da incontestabilidade do direito dos Peticionarios Sallentien e Gaertner, e que em consequencia não posso apresentar como segunda informação ao mesmo respeito se não a declaração: que me refiro em tudo litteralmente ao autographo de minha 1.ª informação, ou a Sua Copia datada de 14 de Novembro de 1862, à qual ajuntei um riscunho assaz fiel da Situação e quantidade das terras de legitima propriedade dos Peticionarios e das terras que lhes forão desmembradas pela medição do Engenheiro Rivierre tudo bazeado nos exames de verificações feitas e attestadas pelo Juiz Commissario o Snr. Frederico Xavier de Souza.

Porém este esboço riscunho, por mim rubricado, à que se referem todos os pontos d'aquella minha 1.ª e unica informação que posso dar sobre a petição dos requerentes Sallentien e Gaertner, falta nos presentes papeis, que V.ª S.º me enviou, e sem o qual a mencionada informação, ou qualquer outra identica em detalhe no dito esboço representada, será de tudo escura, mesmo completameste inintelligivel.

Rogo por isto com o maior respeito à V.ª S.ª de Considerar como constante e unica informação minha sobre a pretenção requerida da indemnização à Sallentien e Gaertner, a litteral exposição minha autographa de 14 de Novembro de 1862 e o riscunho, que representa todos os detalhes da mesma, por mim rubricado.

Ambos estes Documentos se devem necessariamente achar na Secretaria, ou o 2.º talvez no Archivo da Exma. Presidencia da Provincia.

Deos Guarde à V.ª S.ª

Illm.º Snr. Coronel Jozé Bonifacio Caldeira de Andrade
Dm.º Delegado Especial das Terras Públicas e Colonização
da Provincia de Sta. Catharina
Desterro em 4 de Junho de 1864.

O Diretor da Colonia Itajahy-Brusque
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque em 25 de Junho de 1864

Illm.º e Exm.º Snr.

Tenho a honra de passar às mãos de V.ª Ex.ª a cópia do orçamento que me foi remetido pelo Governo Imperial e o orçamento original em que eu calculei as despesas summamente necessarias com esta Colonia ambos relativos ao exercicio de 1864 a 1865.

S: Ex.^a o Snr. Ministro d'Agricultura por intermédio da 3.^a Directoria deste Ministerio ordena-me que sem previa authorização não despenda mais de que Rs. 21:680\$000 no mencionado exercicio com esta Colonia no em tanto V. Ex.^a verá pelo meo orçamento que será preciso despendar a quantia de Rs. 34:063\$150.

Para cingir a despeza ao orçamento do Governo Imperial precisaria supprimir quasi toda a continuação da factura de caminhos e pontes que são indispensaveis para o andamento seguido do progresso da Colonia sendo 7/8 partes dos Colonos estabelcidos no interior e sem outro recurso de comunicação se não a terrestre e caessem de bons caminhos de rodagem para dar transito até o ponto de exportação aos seus productos em prosperidade.

Avista do exposto supplico respeitosamente a V. Exa. de conceder-me a authorização previa para que eu possa despendar a quantia por mim orçada no importe annual de Rs. 34:063\$150 de que se digne mandar consignar-me para o trimestre de Julho a Setembro de 1864 a quarta parte do meo orçamento Com Rs. 8:515\$787 sendo Rs. 6:400\$787 para os pagamentos a fazer directamente pelo Cofre da Colonia e Rs. 2:115\$000 para serem recebidos por empregados da Colonia directamente na Thezouraria da provincia como de costume.

Tomo com todo o respeito a humilde liberdade de juntar incluso um officio ao Governo Imperial sobre o mesmo assumpto em que levei ao conhecimento do mesmo Ministro d'Agricultura que na mesma data suppiquei por officio a V. Exa. a authorização para as despezas do meo orçamento e peço a V. Exa. cazo por bem houver a remessa do mesmo officio ao dito Ministro com a benevola proteção de V. Exa. se o approva.

Deos. Guarde à V. Exa.

Illm.^o e Exm.^o

Snr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves

Dignissimo Presidente da Provincia de Santa Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Conforme o Original remetido ao Exm.^o Snr. M.^o da Agricultura com officio de 14 de Julho de 1864.

O Official chefe da Secção.
ass. Ricardo Jozeé de Souza.

Directoria da Colonia Itajahy em 15 de Julho de 1864.

Illm.º Snr.

Tenho a honra de accusar a recepção do Officio de V.ª S.ª de 25 de Junho p.p. junto com o requerimento de João Lenschow, que incluso devolvo sobre o qual somente posso informar que João Lenschow veio duas ou trez vezes à esta Colonia em qualidade de musico viajante para tocar em occasiões de danzas, e que sua conducta aqui era regular.

Nade mais me consta sobre o petionario.

Deos Guarde a V.ª S.ª

Illmo. Snr. Coronel Jozé Bonifácio Caldeira d'Andrade
Dmo. Delegado da Repartição Especial das Terras Públicas e Colonização da Provincia de Sta. Catharina.

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque aos 4 de Agosto de 1864.

Illm.º e Exm.º Snr.

Tive a honra de submeter respeitosamente a V.ª Ex.ª um orçamento das despesas necessarias com esta Colonia pelo Exercicio de 1864 a 1865 na importância de Rs. 34.063\$000 visto que o orçamento, que me foi enviado pela terceira Directoria da Secretaria d'Estado dos Negocios d'Agricultura, Commercio e Obras Publicas, em data de 20 de Maio de 1864 de Rs. 21:680\$000 o que incluia todos os pagamentos de ordenados de Rs. 6:860\$000 ficando para o costeiro da Colonia, medições, caminhos, pontes, conservação, subsidios, medicamentos e eventuaes a penas Rs. 14:820\$000, quantia que a minha convicção he tam minuta, que suppliquei a V.ª Ex.ª de dar me authorização previa para o meo orçamento, visto que assim o dito officio da Secretaria d'Estado exige.

Não tendo ainda recebido de V.^a Ex.^a a pedida authorização, li-
mittei-me por enquanto d'ésde o 1.^o de Julho ao orçamento da mencionada
Secretaria e não posso fazer os pagamentos de Julho proximo passado por não
ter até agora recebido o dineheiro orçado e pesso por isso a V.^a Ex.^a Se Dig-
ne mandar-me para o importe pelo trimestre de Julho a Setembro aquella
quantia que V.^a Ex.^a quizer determinar.

Deos Guarde a V.^a Ex.^a

Illm.^o e Exm.^o Snr.

Doutor Alexandre Rodriguez da Silva Chaves

Dm.^o Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque em 20 de Agosto de 1864

Illm.^o e Exm.^o Snr.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V.^a Ex.^a, que recebi
pelo Agente da Colonização da Provincia a Relação de 26 Colonos novos des-
tinados para esta Colonia, que hoje devem chegar da Barra do Itajahy-mirim
à Séde da Colonia em Lanchas, que expressamente alluguei para o transpor-
te dos mesmos e de suas bagagens.

Appresento respeitosamente à V.^a Ex.^a o embaraço em que me
acho pela completa falta de denheiro para quaesquer e todas as despesas no
1.^o Trimestre de Julho a Setembro do actual anno financeiro.

Já estou devendo todos os trabalhos Publicos, subsidios e mais
despezas a satisfazer do mez de Julho, que me são reclamadas a toda hora, o
fim de Outubro digo o fim de Agosto está proximo, e demais os Colonos no-
vos estão a chegar por momentos e despesas immediatas a fazer com ellas.

Só pela urgencia d'estas necessidades me permitto: a pedir nova e incarecidamente a V.^a Ex.^a de mandar remetter-me com toda brevidade o denheiro que V.^a Ex.^a me tiver concedido para o trimiestre corrente. Não o mandei buscar por um dispendioso expresso, por que V.^a Ex.^a Se Dignou em Officio do commeo de Junho dizer-me: que Mandará dar as providencias precisas: attendendo a minha exposição e Pedido de mandar entregar-me as quantias concedidas, na Colonia mesmo, visto que eu não posso correr o risco e ter a responsabilidade sobre os accidentes e eventualidades funestas que podem accontecer no transporte do denheiro do Governo por mar ou por terra da Capital à esta tão distante Colonia, até chegar em minha mão.

Rogo à V.^a Ex.^a de tomar em sua Justa consideração a urgencia do meu presente Pedido.

Deos Guarde à V.^a Ex.^a

Illm.^o e Exm.^o Snr. Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves
Dm.^o Presidente da Provincia de Sta. Catharina — ass. B. de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque em 20 de Agosto de 1864.

Illm.^o e Exm.^o Snr.

Para os 26 Colonos novos, que hoje mesmo devem chegar à Sede da Colonia preciso de:

12 (doze) enchadas
12 (doze) machados
12 (doze) foices

que não posso obter aqui, se não com difficuldade, demora e por muito caros preços.

Rogo por isto a V.^a Ex.^a Se Digne de Ordenar que estes utensilios me sejam remettidos com a maior brevidade possivel.

Deos Guarde a V.^a Ex.^a

Illm.^o e Exm.^o Snr. Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves
Dm.^o Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque, 16 de Setembro de 1864.

Illm.º e Exm.º Snr.

Em obediencia ao officio de V.ª Ex.ª de data 19 de Agosto que antes d'hontem recebi, exijo de hoje de Max von Printz a entrega dos instrumentos, que em seu poder deixou o engenheiro Reviere, por serem elles de propriedade da Provincia e assim que eu os receba, os enviarei immediatamente à Secretaria do Governo Imperial.

Deos Guarde à V.ª Ex.ª

Illm.º e Exm.º Snr. Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves
Dm.º Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Diretoria da Colonia Brusque, 16 de Setembro de 1864.

Illm.º e Exm.º Snr.

Em consequencia do Officio de V.ª Ex.ª de 17 de Agosto, communiquei o seu conteudo ao agrimensor d'esta Colonia, afim de que apresente, quanto antes na Secretaria d'esta Provincia os documentos comprobatorios de sua habilitação, afim de poder continuar no referido exercicio.

Deos Guarde à V.ª Ex.ª

Illm.º e Exm.º Snr. Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves
Dm.º Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque, 16 de Setembro de 1864.

Illm.º e Exm.º Snr.

Accuso respeituosamente a recepção de cinco contos e quatro centos e vinte mil reis (5:420\$000) que hoje me forão entregues pelo sargento de cavallaria da força policial, Lurindo Jozé Telles, como quarta parte do respectivo orçamento geral para as despezas desta Colonia à fazer no presente trimestre de Julho à Setembro.

Deos Guarde à V.ª Ex.ª

Illm.º e Exm.º Snr. Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves
Dm.º Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque em 16 de Setembro de 1864.

Illm.º e Exm.º Snr.

Tenho a honra de accusar a recepção do Officio de V. Ex.ª de data de 16 de Agosto proximo passado, que sómente hontem chegou às minhas mãos, em que me ordena de remetter as contas das despezas realizadas, com toda a brevidade, organisadas relativamente ao mez à que se referem, e por isto remetto aqui junto as contas do trimestre proximo passado, assim como um resumido balanço, visto que, como me foi ordenado, apresento as contas trimestralmente, e não as enviei mais cedo, poeque o máo tempo retardou a conclusão de obras executadas em empreitado, e que pertencião aquelle trimestre.

Deos Guarde à V.ª Ex.ª

Illm.º e Exm.º Snr. Dr. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves
Dm.º Presidente da Provincia de Sta. Catharina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque, 16 de Setembro de 1864.

Ilm.º Snr.

Houtem recebi o officio de V. S.^a de data 25 de Agosto proximo passado em que de Ordem do Exm.º Snr. Presidente da Provincia me enviou incluida a Copia do aviso do Ministerio dos Negocios da Agricultura, do Commercio e das Obras Publicas datado de 18 do mesmo Agosto sub N.º 56, para fazer constar ao Dr. Otto Linger, medico desta Colonia, que o Governo Imperial concedeo-lhe na mesma data dois mezes de licença com vencimento para ir à corte.

Cumpri imediatamente com o meu dever communicando ao mesmo Dr. a Licença que obteve.

Deos Guarde à V.^a Ex.^a

Illm.º e Exm.º Snr. Ricardo Jozé de Souza
Dm.º Official e Chefe de Secção na Secretaria deste Imperial

Governo da Provincia
ass. Barão de Schneéburg

Número 26 — Ano VII — Tiragem de
— 500 exemplares —

A Sociedade Amigos de Brusque
agradece ao prezado médico brusquense

DR. DÉCIO S. KORMANN,

residente em São Paulo, a generosa con-
tribuição financeira dada a esta Revista.